

Juliana Rodrigues

### **Os usos do cinema e seus sons no currículo escolar**

— *Ah tia Ju, que bom! Posso pensar e respirar junto!*  
(Lara, 8 anos)

**I**nicio minha escrita com a colocação de um dos meus tantos estudantes. Essa fala surgiu em meio a tantas aulas que lecionei<sup>1</sup> no momento mais agressivo da pandemia (abril, 2020) nesse tempo atípico, pandêmico, gestado por pessoas que infelizmente não levam a sério o momento triste e delicado.

Tempo diferente, com aulas diferentes! As aulas presenciais inicialmente foram suspensas, como medida de segurança, porém, as escolas básicas particulares permaneceram de maneira remota. Como isso aconteceu? De forma brusca, diversos docentes foram inseridos de forma intensa nas tecnologias digitais. Pacotes de internet foram ampliados para que pudesse 'dar conta' da nova realidade de diversos docentes. Plataformas que antes eram distantes de alguns docentes e discentes, foram e estão sendo utilizadas a todo vapor, plataformas conhecidas, outras criadas pela necessidade do momento, e que continuam sendo utilizadas, não dá mesma intensidade como

---

<sup>1</sup> Trabalho no Colégio São Vicente de Paulo – Niterói/RJ. Sou docente da disciplina de Ensino Religioso.

Moodle, Google Classroom, Plurall, Zoom, Ava e tantas outras plataformas.

Na escola em que trabalho, utilizamos duas plataformas digitais o Google Classroom e a Plurall, lá eu dava aulas online e gravava também as videoaulas, trabalho extremamente difícil, que demandava bastante tempo e atenção, ou seja, somos docentes, editores, diretores, câmeras, roteiristas e outras funções.

Em meio às aulas online uma estudante do 1º ano, se manifestou, quando eu estava explicando que passaria um pequeno filme produzido por algumas crianças sobre a Páscoa. Nesse momento ela disse: — Ah tia Ju, que bom! Posso pensar e respirar junto! Falou tudo junto e com um ar de ânimo completou: — Que bom! Frase simples, mais cheia de significado, logo, ela ficou fervilhando em minha cabeça. Mas infelizmente com o acúmulo de trabalho, acabei deixando para segundo plano, afinal estava finalizando a minha dissertação de mestrado e tudo estava bastante corrido.

Podemos perceber a potencia do cinema e seus sons, ponto de partida, assim como ALVES (2012) expõe:

a escolha do cinema como polarizador de '*conversas*' se deu tanto por interesse pessoal do grupo de pesquisa, como porque esse meio – que assumimos como arte – articula múltiplas possibilidades: é junção de imagens e sons; faz aparecer '*espaçotempos*' do viver humano em uma gama incomensurável, caracterizando inúmeras possibilidades, problematizações ou tensões às relações humanas; é, entre as artes, a que se coloca a meio caminho entre aquelas mais herméticas – e para as quais é preciso \_chaves' especiais de conhecimento, como a música chamada 'erudita' – e as mais populares, como as músicas características de cada região ou país, por exemplo; o acesso a filmes se dá através de inúmeros meios (salas de cinema; televisão; vídeo; internet; templos religiosos; escolas; etc), cujas redes de troca são ainda muito pouco conhecidas e que é preciso conhecer. (p.11)

Compreendendo esses e vários outros movimentos, vejo a necessidade do cinema, pois observo que favorece e que têm possibilitado diversas discussões, conversas sobre a escola, os docentes, os discentes, como ensinar e tantos outros que irão surgir, considerando o entrelaçar '*dentrofora*'<sup>2</sup> das escolas, atuando também nos processos curriculares refletidos, dos '*praticantespensantes*' docentes nos quais estão envolvidos.

As conversas são a possibilidade de partilhar as múltiplas experiências que são impregnadas das nossas emoções, talvez possamos não transparece-las, contudo, sempre farão parte das tomadas de decisões que cada pessoa traz consigo. Ao compartilharmos nossas experiências, percebemos que não existem apenas generalizações que subjugamos em alguns atos pedagógicos, assim também em nossas conclusões sobre o outro. Criamos, revivemos cada nova narração da nossa história, essa talvez seja uma das tantas belezas que o cotidiano nos delicia.

Por isso, acredito que trabalhar com o cinema pode contribuir em nossas tessituras cotidianas em seus diversos '*espaçostempos*' em que nos colocamos, principalmente pensando junto com os currículos, são nas redes permanentes que as '*prácticasteorias*' educacionais cotidianas que precisamos mergulhar para ampliar a compreensão dos currículos praticados e dos seus processos de '*aprendizagensenos*'. Assim pesquisar o caminhar dos currículos, seus sons nos cotidianos é buscar compreender a complexidade da realidade educativa e observar as diversas redes que constituem as relações entre as crenças, os medos, as dificuldades, como também as experiências emocionais dos diferentes '*praticantespensantes*'. E

---

<sup>2</sup> Lembramos que o modo como usamos esses termos – reunidos e em itálico – tem a ver com a necessidade de mostrar que as dicotomias que foram vitais na criação dos conhecimentos significativos científicos, na Modernidade, hoje significam limites para o que é necessário criar em ciências, pelo menos em educação. Como explicita Nilda Alves.

estes por sua vez se expressam e criam sentidos próprios para suas realidades, convicções presentes nos diversos cotidianos.

## **Referências**

ALVES, Nilda.; LIBÂNEO, José Carlos (Org.). Temas de Pedagogia- Diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

## **Sobre o autor:**

Doutoranda e mestra em Educação pelo Proped/UERJ, participante do grupo de pesquisa currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons, coordenado por Nilda Alves. E-mail: juliana\_rodrigs@hotmail.com